



O desempregado Raimundo Nonato, casado, pai de dois filhos, faz serviço de capina e vai para fila do emprego: qualquer coisa

# Filhos de Brasília não têm onde trabalhar

Kátia Marsicano  
Da equipe do **Correio**

**H**á quase um ano, Raimundo Nonato da Silva, 28 anos, está sem emprego. Casado com a doméstica Sueli Santos, de 23, tem dois filhos e mora numa pequena casa de quatro cômodos no Setor O, de Ceilândia. Paga R\$ 250 de aluguel. Para sustentar a família, se oferece para serviços de capina em quintais e ruas da vizinhança. Dependendo do tamanho da área, cobra entre R\$ 20 e R\$ 30, dinheiro que precisa ir juntando para completar o aluguel no final do mês. Na compra de alimentos, o casal conta com a ajuda da cunhada Rosiane, que também é doméstica, mas tem uma situação um pouco melhor que a de Raimundo e Sueli. Pelo menos, enquanto ainda não tem filhos.

O piauiense Raimundo estava mais uma vez na fila da Agência Pública de Emprego e Cidadania (Apec), o antigo Sine, ontem de manhã. Tentava se candidatar a uma vaga de pedreiro. Ou qualquer outra coisa no setor da construção civil, que, segundo ele, foi onde sempre trabalhou. "Já fui atrás dos canteiros de obra, mas não consegui nada", lamenta.

Às vésperas dos 40 anos de Brasília e com dois milhões de habitantes, o Distrito Federal tem 180,1 mil pessoas à espera de uma oportunidade de assinar a carteira de trabalho, ou, pelo menos, conseguir uma atividade que lhe renda o sustento da família. De acordo com a última Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), em outubro do ano passado, nada menos que 880 mil pessoas estavam em idade economicamente ativa (ou seja, prontos para o trabalho).

E, ao contrário do que se pode pensar, os migrantes (gente que veio de outros estados em busca de oportunidades melhores) não são maioria esmagadora nesse contingente de desempregados. Enquanto representam 100,8 mil trabalhadores (56% do total), o restante (44% ou 79,3 mil) é formado por pessoas que nasceram e se criaram na capital.

Ainda de acordo com a pesquisa, elaborada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), em convênio com a Secretaria do Trabalho e Fundação Seade, essa diferença entre "nativos" e "estrangeiros" está perto de acabar. Ou seja, não vai demorar muito para que os números cheguem a índices iguais. Levanta-

mento de setembro do ano passado comparado com o mês seguinte revela ter diminuído a quantidade de desempregados não nascidos no DF.

## MAIS FÁCIL?

Segundo a socióloga Graça Ohana, uma das coordenadoras da PED, a situação é preocupante. "Brasília vai ser sempre uma área de atração. Por mais que se criem postos de trabalho, a tendência é haver um déficit", explica. "O desemprego de outros estados acaba refletindo aqui, um lugar onde as pessoas ainda acreditam ser mais fácil viver."

A grande maioria dos desempregados que apostam no DF vêm de Goiás, Piauí, Minas Gerais e Bahia e assim que chegam acabam se concentrando

nas regiões de renda mais baixa (como define a pesquisa): Brasília, Ceilândia, Samambaia, Paranoá, São Sebastião, Santa Maria e Recanto das Emas.

Apesar da redução da taxa de desemprego verificada durante três meses consecutivos (agosto, setembro e outubro), se os números forem comparados com igual período do ano passado, o índice apresentou crescimento de 1,54%. "Qualquer crescimento do desemprego para nós é ruim", comenta a socióloga Graça Ohana. Comparado com as regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo, o DF apresentou maior taxa de desemprego total em outubro.

## PREVISÃO PESSIMISTA

De acordo com projeções feitas em outubro do ano passado

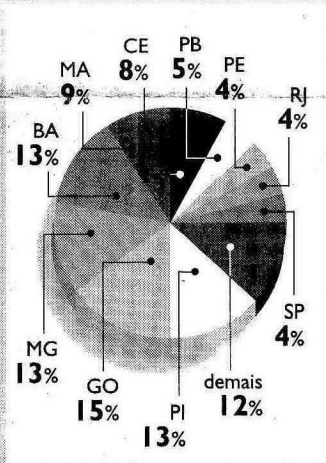
## QUEM SÃO ELES

Perfil dos desempregados no DF

### Estado de nascimento



### Último local de residência



pelo Conselho Regional de Economia (CRE-DF), o futuro dos desempregados no DF não é dos mais promissores. Se a taxa de desemprego hoje é de 20,5% até o ano de 2010 deve chegar a 33,2%. Serão mais de 550 mil pessoas à procura de uma vaga, para uma população economicamente ativa (ou seja, com mais de 10 anos) de nada menos que 1,68 milhão.

O economista Júlio Miragaya, coordenador da pesquisa do CRE-DF, acredita que a situação por aqui ainda pode ser mais grave, uma vez que o levantamento do Dieese/Secretaria do Trabalho/Seade não considera as populações de 10 municípios do Entorno, onde acredita que estejam de 80 a 90 mil desempregados.